



CHARLES GRAEBER



○ ENFERMEIRO DA NOITE

BASEADO EM UMA PERTURBADORA HISTÓRIA REAL



O ENFERMEIRO DA NOITE

Uma história real de medicina,
loucura e a#sassin#to

CHARLES GRAEBER

Tradução de Marina Vargas


intrínseca

Copyright © 2013 by Charles Graeber

TÍTULO ORIGINAL
The Good Nurse

COPIDESQUE
Agatha Machado

PREPARAÇÃO
Stella Carneiro

REVISÃO
Carolina Vaz
Eduardo Carneiro
Thais Entriel

DESIGN DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
Larissa Fernandez e Leticia Fernandez

DIAGRAMAÇÃO
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G764e

Graeber, Charles.

O enfermeiro da noite : uma história real de medicina, loucura e assassinato /
Charles Graeber ; tradução Marina Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: The good nurse.
Inclui índice
ISBN 978-65-5560-361-3

1. Cullen, Charles, 1960-. 2. Reportagens e repórteres. 3. Enfermeiros - Estados Unidos
- Biografia. 4. Homicidas em série - Estados Unidos - Biografia. I. Vargas, Marina. II. Título.

22-79374

CDD: 364.15232092

CDU: 929:364.632(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
11/08/2022 15/08/2022



[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

NOTA DO AUTOR

Esta é uma história real, escrita com base em seis anos de pesquisa e entrevistas com dezenas de fontes, entre as quais Charles Cullen.

Charlie é um homem orgulhoso e complicado que, exceto as nossas conversas, nunca deu declarações públicas nem concedeu uma única entrevista. Nossa comunicação se estendeu por vários anos, começando com sua tentativa de, na prisão, doar um rim. Ele não vê motivos para falar mais.

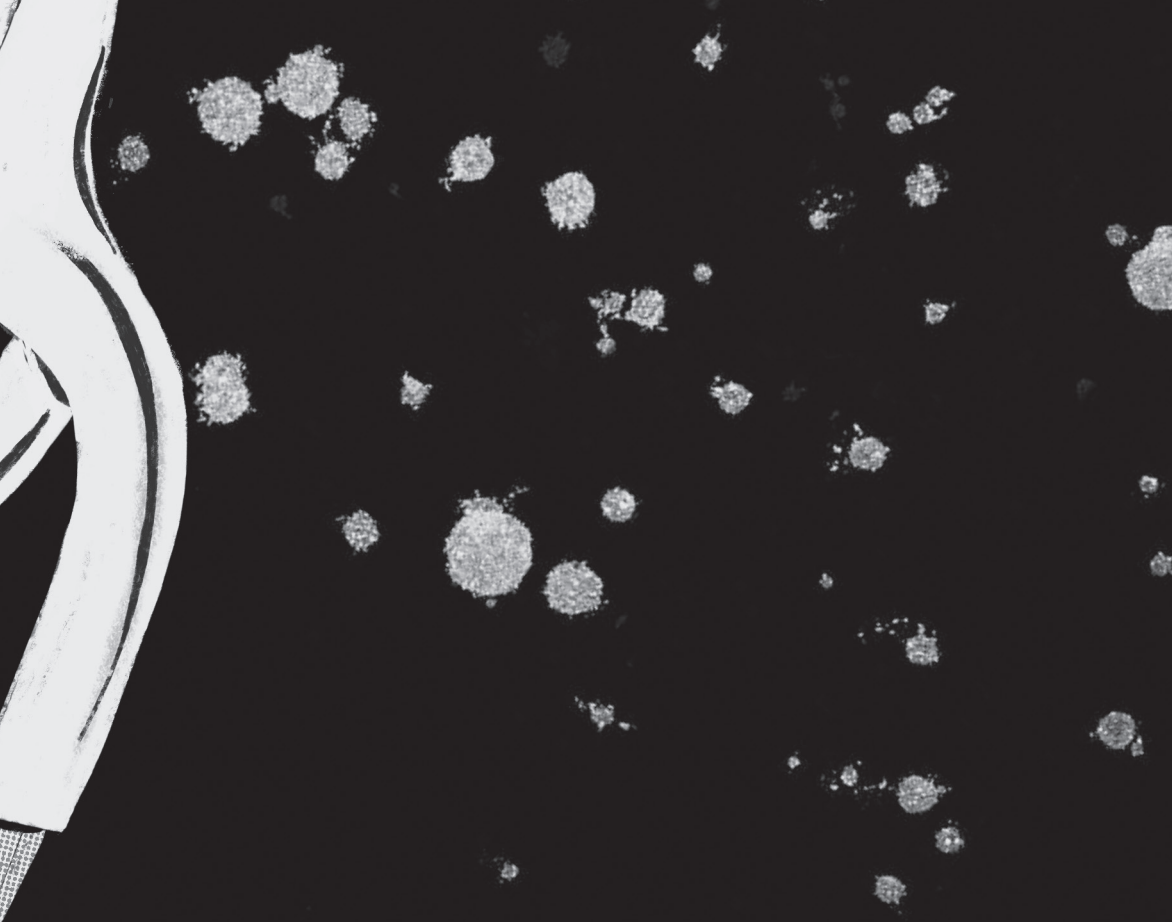
Sua perspectiva aparece ao longo do livro, mas Charles não é o árbitro final dos fatos aqui narrados.

Muitas outras fontes, que antes haviam se mantido em silêncio, se dispuseram a falar, tornando este livro possível. Todos arriscaram a própria privacidade, muitos arriscaram a carreira e a reputação. Alguns arriscaram também a liberdade. Nomes e detalhes pessoais foram alterados quando solicitado, a fim de preservar o anonimato e resguardar as vidas já transformadas pelos acontecimentos relatados aqui.

Todos os esforços foram feitos para apresentar esta história de maneira fiel, transmitindo fatos reunidos por meio de inquéritos policiais, relatos de testemunhas, transcrições, gravações de escutas telefônicas, vídeos de câmeras de segurança, documentos judiciais, depoimentos dados em juízo e entrevistas. Algumas transcrições foram ligeiramente editadas, por uma questão de tamanho e clareza, e alguns diálogos precisaram ser reconstruídos, com base na documentação mencionada.

Como acontece em todas as histórias de assassinato, no entanto, as principais testemunhas não têm voz. Este livro é dedicado a elas, bem como às boas enfermeiras e aos bons enfermeiros do mundo que dedicam a vida a cuidar da nossa.





PARTI I

3 de outubro de 2003

Charlie se considerava um homem de sorte. A profissão o havia encontrado, por acidente ou destino, ele não sabia dizer. Após dezesseis anos fazendo aquele trabalho, Charles Cullen se tornara um enfermeiro experiente e bem-sucedido, com registro profissional, diploma de equivalência do ensino médio e bacharelado em enfermagem. Suas especializações em Suporte Avançado de Vida Cardiovascular, Balão Intra-Aórtico e Unidade de Tratamento Intensivo lhe rendiam dignos 27,50 dólares por hora em hospitais de Nova Jersey e da Pensilvânia. Sempre havia trabalho. Mesmo nas áreas decadentes de Allentown e Newark, os centros médicos continuavam a expandir sua atividade lucrativa, com a proliferação de novas especialidades e novos serviços, e estavam sempre desesperados por contratar enfermeiros experientes.

Às 16h40, Charles Cullen estava em seu carro, barba feita, cabelo penteado com gel, vestindo roupas claras — camisa e calça brancas, um cardigã amarelo-claro e um estetoscópio em volta do pescoço, de forma que qualquer pessoa imaginaria que aquele homem jovem e atraente era um profissional da área de saúde, quem sabe até mesmo um médico, apesar de seu Ford Escort azul-bebê com dez anos de uso e sinais de ferrugem. Depois de uma década morando em um

apartamento subterrâneo em Nova Jersey, o trajeto de Charlie até o trabalho agora começava do outro lado da divisa interestadual, em Bethlehem, Pensilvânia. Sua nova namorada, Catherine, tinha uma casinha simples e aconchegante lá, enfeitada com bugigangas compradas em lojinhas — corações de papel vermelho, lanternas de abóbora e perus em forma de leque, dependendo da época do ano. Apesar de Charlie já estar ficando cansado de Catherine e seus dois filhos adolescentes, ainda gostava de viver na casa dela, especialmente por causa do pequeno terreno nos fundos, onde podia se distrair nos dias quentes podando as flores murchas ou escorando os pés de tomate com estacas. Ele também apreciava os cinco minutos que levava para atravessar o rio Lehigh até o turbilhão familiar da autoestrada I-78 Leste, uma artéria bombeando milhares de trabalhadores para plantões em hospitais carentes de mão de obra em todo o estado de Nova Jersey, dos quais apenas cinco ou seis se recusavam, extraoficialmente, a contratá-lo.

Nos seus dezesseis anos de trabalho, Charles Cullen recebera dezenas de queixas e citações disciplinares, fora alvo de quatro investigações policiais, passara por dois testes de polígrafo, cerca de vinte tentativas de suicídio e uma prisão, mas nada disso havia manchado seu registro profissional. Ele passara de um emprego a outro em nove hospitais diferentes e um lar de idosos, e fora “dispensado”, “desligado” ou “convidado a se demitir” de muitos deles. Mas suas licenças de enfermagem na Pensilvânia e em Nova Jersey permaneceram intactas e, cada vez que preenchia uma nova ficha se candidatando a uma posição, o enfermeiro Cullen parecia ser a contratação ideal. Sua assiduidade era perfeita e seu uniforme, impecável. Ele tinha experiência com terapia intensiva, pacientes em estado crítico, tratamento cardiológico, ventilação mecânica e queimaduras. Medicava os vivos, era o primeiro a prestar atendimento ao ouvir o alarme das máquinas que monitoravam os moribundos e parecia um expert na hora de embalar em plástico os mortos. Não tinha problemas de agenda, não parecia ir ao cinema ou a partidas esportivas e estava sempre disposto, até mesmo ávido, para trabalhar à noite, nos fins de semana e feriados. Não tinha mais o peso de um casamento, tampouco a custódia das duas filhas, e passava

a maior parte do tempo livre deitado no sofá de Cathy, zapeando pelos canais; uma ligação de última hora para que cobrisse um colega doente ou uma transferência inesperada de algum paciente podiam fazer com que se vestisse e estivesse a caminho antes dos comerciais. Seus colegas enfermeiros o consideravam um presente dos deuses do escalonamento, uma contratação quase boa demais para ser verdade.

Seu novo emprego no Centro Médico Somerset exigia um deslocamento de 45 minutos na ida e na volta, mas Charlie não se importava. Na verdade, precisava disso. Ele gostava de falar, e não hesitava em compartilhar detalhes embaraçosamente íntimos de seus conflitos com Cathy ou de sua vida familiar tragicômica, mas havia alguns segredos sobre os quais nunca poderia falar: cenas que se repetiam em sua mente, reprisadas em segredo. Entre os plantões, apenas o deslocamento permitia que Charlie meditasse.

Seu pequeno Ford sacolejou ao passar do calçamento de má qualidade da Pensilvânia para o asfalto liso de Nova Jersey. Charlie ficou na faixa da esquerda até surgirem as placas indicando a saída 18, uma pequena e movimentada via de mão única que levava à autoestrada 22 Somerville e à Rehill Avenue. Aquela era a parte boa de Nova Jersey, o estado mais rico do país, a Jersey que ninguém sacaneava: ruas de subúrbio ladeadas de grandes árvores, jardins bem cuidados, sem barcos de pesca abandonados ou trampolins quebrados, entradas de garagem impecáveis com Saturns em vez de Escorts velhos estacionados. No estacionamento, ele desligou o motor, adiantado como sempre, e andou com pressa em direção à entrada dos fundos do hospital.

Por trás das portas duplas, havia uma cidade vibrante que nunca parava, iluminada por luzes fluorescentes que zumbiam no teto, o único lugar no qual Charlie realmente se sentia em casa. Ele experimentou uma súbita euforia ao pisar no linóleo brilhante, uma onda de familiaridade ao respirar os cheiros conhecidos: suor, gaze e iodopovidona, o odor penetrante de adstringente e detergente antibacteriano e, por trás de tudo, a nota apurada de deterioração humana. Subiu as escadas dos fundos, dois degraus de cada vez. Havia trabalho a ser feito.

A profissão de enfermeiro o havia acolhido como poucos outros aspectos da sua vida, a começar pela infância, que Charlie descrevia como “deprimente”. Ele havia sido o erro de meia-idade que seus pais católicos irlandeses e de origem humilde mal podiam sustentar, nascido pouco antes de o pai morrer e muito depois que a maioria dos sete irmãos já havia crescido e saído de casa. A estreita construção de madeira em West Orange era um lugar escuro e infeliz, assombrado por irmãos viciados em drogas, irmãs adultas que iam e vinham ao sabor de uma gravidez ou da necessidade e homens estranhos e violentos que chegavam a qualquer hora para fazer uma visita tanto a uns quanto às outras. Apenas a mãe de Charlie o protegia do caos daqueles quartos no andar de cima. Ele se apegava com todas as forças à sua afeição, mas nunca havia o suficiente. Quando ela morreu em um acidente de carro durante o último ano de Charlie no ensino médio, ele se viu verdadeiramente sozinho. Ficou furioso com o hospital, que reteve o corpo dela, e inconsolável. Tentou o suicídio e depois a Marinha, fracassando em ambos. Por fim, voltou ao mesmo hospital onde a mãe havia morrido e descobriu sua verdadeira vocação.

Em março de 1984, Charles Cullen era o único aluno do sexo masculino na Escola de Enfermagem do Hospital Mountainside, em Montclair, Nova Jersey. Era inteligente e teve um bom desempenho. O curso combinava com ele, assim como o uniforme, e a dinâmica fraternal era familiar e confortável. Quando a representante de turma honorária desistiu do curso após duas semanas de aula no primeiro semestre, uma das colegas de Charlie insistiu para que ele concorresse à posição. Ele era a escolha lógica para assumir a posição de liderança, disse ela: era inteligente, bonito e, o mais importante, homem. Charlie ficou lisonjeado, mas concorrer à posição de representante não era muito seu perfil. Quanto mais ele hesitava, mais obstinada ela se tornava. Não seria preciso arriscar nada; ela se encarregaria de tudo. Charlie se viu contente no papel passivo de candidato relutante, e ainda mais feliz quando ganhou. Era apenas uma posição simbólica, mas

parecia sinalizar a chegada de um novo Charlie. Seis anos depois de perder a mãe para o necrotério do Hospital Mountainside, ele era o filho eleito da Escola de Enfermagem daquela mesma instituição, coroado e confirmado por uma armada de cuidadores profissionais de uniforme branco. Pela primeira vez na vida, sentiu-se especial. Era o mais próximo do amor que conseguia conceber.

Charlie pagou por sua educação com o dinheiro do trabalho em estabelecimentos de franquia, acumulando horas servindo rosquinhas cobertas de açúcar ou coisas do gênero. Estocava embalagens, reabastecia o balcão de condimentos e limpava o chão entre uma tarefa e outra — sempre havia chão para limpar. Ele achava irônico que, exatamente como os recrutadores prometiam, sua experiência militar se traduzisse tão perfeitamente em habilidades civis. E, assim como na Marinha, todos os seus empregos civis exigiam uniforme. No Dunkin' Donuts, era a camiseta laranja e marrom e uma viseira. Na loja de departamentos Caldor, o uniforme também era laranja e marrom, mas as listras eram diferentes. Charlie tinha que tomar cuidado para pegar a camiseta certa da pilha de roupas no chão. No restaurante Roy Rogers, ele tinha que usar uma camisa cor de ferrugem que parecia destinada a esconder as manchas de molho barbecue, assim como o carpete dos cassinos esconde chiclete mascado. Era um uniforme horroroso, exceto quando usado pela gerente de Charlie, Adrienne. Ele gostava em especial de como o crachá dela ficava posicionado.

Adrienne Baum, uma universitária ambiciosa recém-formada em administração e com um financiamento estudantil generoso para pagar, era diferente das garotas que Charlie conhecera em West Orange. Ele a observava, sonhando acordado apoiado no cabo do esfregão enquanto fazia a limpeza perto do balcão de acompanhamentos na filial do Roy em West Orange. Mas Adrienne tinha namorado e estava prestes a ser transferida. Charlie pediu demissão e dobrou o horário na Caldor, que ficava ao lado do restaurante, mas continuava almoçando no Roy por garantia. Quando Adrienne foi transferida de volta, um mês depois, sem o namorado, ele estava lá, esperando.

O relacionamento evoluiu tão rápido quanto os esforços de Charlie permitiram. Adrienne ficou surpresa ao descobrir que, por trás do garoto tímido e de aparência ingênua que via limpando a estação de molhos, havia um homem surpreendentemente confiante. Ele queria a atenção dela e tentava conquistá-la de todas as maneiras possíveis, enchendo-a de presentes e agindo como um namorado exemplar diante da família dela. Charlie estava obcecado por conquistar a afeição da moça, e alimentava esse ardor com flores, doces e presentes que comprava no shopping. Qualquer coisa da qual Adrienne mencionasse gostar, por menor que fosse, Charlie precisava dar a ela. Por fim, a garota teve que pedir que ele parasse. Ela fingiu estar irritada, mas, na verdade, como poderia estar? Adrienne sabia quantas garotas fariam qualquer coisa para estar no lugar dela. Charlie era um ótimo partido. O fato de parecer estar constantemente pedindo demissão ou sendo demitido podia ser creditado às expectativas elevadas que ele alimentava e à agenda ocupada. Adrienne dizia às amigas que, nossa, aqui está um cara que se divide entre três empregos, é representante de turma na faculdade de enfermagem e leva a carreira tão a sério quanto ela. É verdade, Charlie não era judeu — ninguém é perfeito. Mas era o bastante.

Logo, o jovem casal passava junto todo o tempo livre que conseguia arranjar entre os respectivos empregos e os estudos de Charlie. Eram uma unidade, completa e fechada. Chamavam isso de amor e, passados seis meses do primeiro encontro, estavam noivos. Casaram-se uma semana depois que Charlie se formou na faculdade de enfermagem. O salão alugado em Livingston, os smokings, a lua de mel nas Cataratas do Niágara... Adrienne estava vivendo um conto de fadas. Eles voltaram de viagem um dia antes, para que o príncipe de Adrienne pudesse iniciar o novo trabalho na Unidade de Tratamento de Queimados do Centro Médico Saint Barnabas, em Livingston, Nova Jersey. O hospital estava disposto a lhe conceder mais algum tempo antes de começar, mas Charlie foi irredutível. Tinha que ser no dia estabelecido; não queria se atrasar. Adrienne se despediu do marido e viu o futuro se estender diante dela como um estranho tapete vermelho.

O enfermeiro Charlie Cullen sempre foi uma pessoa de múltiplas facetas. Foi um filho exemplar, um pai querido, um amigo confiável e um profissional admirado por seus colegas. Também viria a ser o *serial killer* mais letal da história dos Estados Unidos, com envolvimento na morte de cerca de quatrocentos pacientes.

Sua trajetória assassina durou dezesseis anos, ao longo dos quais ele pulou de hospital em hospital para apagar seus rastros e continuar matando. Quando o “Anjo da Morte” — como foi apelidado pela imprensa — recebeu a sentença final e foi levado para a viatura da polícia em março de 2006, parecia que os segredos sinistros de sua vida, carreira e captura desapareceriam com ele.

Então, em um trabalho instigante que levou dez anos para ser concluído, o premiado jornalista investigativo Charles Graeber contou a história completa pela primeira vez. Baseado em centenas de páginas de registros policiais sigilosos, entrevistas e gravações, bem como conversas exclusivas com Cullen diretamente da cadeia e com um informante que ajudou a detê-lo, *O enfermeiro da noite* tece uma trama urgente e sombria de assassinato, amizade e traição.

Seguindo a tradição de clássicos como *A sangue frio*, o livro-reportagem de Graeber vai além da descrição dos assassinatos de Cullen e dos esforços para capturá-lo. Obra-prima do *true crime*, *O enfermeiro da noite* pinta um retrato vívido da loucura e oferece um vislumbre penetrante do sistema de saúde norte-americano.

No último trimestre do ano, a adaptação cinematográfica de *O enfermeiro da noite* chega à Netflix. Estrelado pelos vencedores do Oscar Eddie Redmayne (*Animais Fantásticos*) e Jessica Chastain (*Os Olhos de Tammy Faye*), o filme é um dos mais aguardados da plataforma de streaming.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1201/>